

O MAL-ESTAR DOCENTE E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: IMPLICAÇÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Flaviane Farias Sudario Pereira¹

Universidade Federal da Bahia – UFBA

flasudariopereira@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo se inscreve numa pesquisa de Mestrado, cujo título é **Indicadores de Mal-estar Docente em Escolas Municipais de Salvador**, da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Gurgel, no período de 2009 -2010. Os sujeitos deste estudo foram 18 professores de Escolas Municipais da Cidade de Salvador. Adotando uma abordagem qualitativa, para coleta dos dados, fez-se uso de 12 perguntas abertas. Observou-se que a violência é um indicador de mal-estar docente e se apresenta nos relatos de sentimentos de insatisfação dos professores. Os resultados preliminares sinalizam que o mal-estar e a violência na escola situam-se em um contexto mais amplo e repercutem de forma negativa no trabalho pedagógico. A relevância do estudo reside na contribuição para um melhor entendimento de como os professores lidam com o problema e como avaliam seu impacto na prática educativa.

Palavras-chave: Mal-estar docente. Prática educativa. Violência na escola.

Abstract

This study is part of the master thesis **Indicators of discontentment of educators at the Schools of Salvador city council**, at the Federal University of Bahia, and under the guidance of the professor Dr. Paulo Gurgel, between the years 2009 and 2010. Eighteen teachers of the Salvador city council schools participated in this study. By using 12 questions, with qualitative approach, we realize through the answers the violence as the one of the main reason for the teacher's discontentment in his professional activities. The preliminar results indicate such the teacher's discontentments, as well as violence in schools, are situated in a wider context. These facts impact negatively on educational teacher's practice. The relevance of this study is the understanding about how teachers deal with the problems and how they evaluate the respective impact on their educational performance.

Key-words: Teacher Discontentment. Education practice. Violence in school.

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Gurgel. Psicopedagoga, Pedagoga e Professora da Secretaria Municipal da Educação, Cultura, Esporte e Lazer. Integrante do Laboratório de Epistemologia Genética – LEG /UFBA.

1 Introdução

O presente estudo se inscreve numa pesquisa de mestrado em educação, cujo título é **Indicadores de Mal-estar Docente em Escolas Municipais de Salvador**, da Universidade Federal da Bahia, no período de 2009-2010. Constitui-se uma iniciativa de registrar um problema que tem repercutido de forma recorrente nas escolas. A problemática se revela nos relatos queixosos de professores que discorreram sobre o comparecimento da violência e o consequente mal-estar no ambiente escolar. 18 professores que lecionam em escolas municipais da cidade de Salvador participaram deste estudo e compartilharam seus sentimentos de insatisfação advindos das dificuldades vividas no seu trabalho diário. Situações de mal-estar docente associado à violência na escola têm sido divulgadas também pelos meios midiáticos, a exemplo da reportagem intitulada **Pesquisa revela que 70% dos alunos já presenciaram maus-tratos de colegas**², divulgada em 20/05/2010 no *site* globo.com, bem como noutros meios de comunicação.

Pensar sobre o mal-estar docente, a violência na escola e suas implicações na prática educativa, requer a realização de uma breve reflexão histórica no sentido de não cometer o equívoco de se pensar que, em algum momento do passado, o exercício da docência ocorreu de forma plenamente harmoniosa. Implicados, direta ou indiretamente, nas mais diversas instituições existentes no contexto social, os conflitos sempre repercutiram de forma muito intensa para o professor. Nesta reflexão, é possível perceber que os indícios que revelam o mal-estar docente e a violência na escola são desde sempre contínuos.

Roterdã, no livro clássico *Elogio da Loucura*, quando retrata o contexto escolar discorre sobre os docentes o seguinte:

Vemo-lo sempre famélicos e sórdidos em sua escola; digo escola, deveria dizer sua morada de tristezas, ou melhor, ainda, sua galé ou câmara de torturas. Entre um bando de alunos, envelhecem na estafa, ensurdecidos por gritos, envenenados pelo fedor e pela sujeira [...]. (ROTTERDÃ apud BOTO 2009, p. 38).

Boto (2009) utiliza o trecho acima com o intuito de evidenciar a preocupação dos

² Reportagem disponível no site < <http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2010/05/20/pesquisa-revela-que-70-dos-alunos-ja-presenciaram-maus-tratos-de-colegas-916638434.asp> > Acesso em: 7 jul. 2010. Esta reportagem é referente à pesquisa Bullying Escolar No Brasil que está disponível no site < http://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2010/04/14/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf > Acesso em 11 jul. 2010.

humanistas com os agentes da educação. A autora ressalta que entre os séculos XVI e XVIII, a escola no Ocidente, testemunhou práticas pedagógicas carimbadas por uma evidente intenção de disciplinar e de conter os impulsos naturais do estudante, dentre outras ações realizadas, sob a justificativa de se educar.

De acordo com a autora supracitada, em um primeiro momento, a identidade da instituição escolar foi marcada pela busca de um método capaz de substituir antigos padrões de violência física por uma forma menos agressiva de educar as crianças e os jovens. Posteriormente, a instituição educacional passou a seguir as normas estabelecidas pelo *Ratio Studiorum*³ – uma espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios – que prescrevia atividades educativas fortemente marcadas pelo rigor e pela disciplina.

A escola moderna herdou o ritual de padronização e parte dos procedimentos pedagógicos do *Ratio Studiorum*, como a “cartilha” do período iluminista. Mas, atualmente, percebe-se que muitos desses métodos bem-sucedidos naquele contexto e utilizados no interior das escolas – métodos que silenciavam e continham com êxito todos os alunos mediante vigilância e conseqüente controle – foram extintos. Na conjuntura atual, é preciso que se pense sobre as relações de autoridade, visto que as crianças e os jovens que freqüentam os corredores das escolas recusam qualquer forma de controle e solicitam inventividade. (cf. BOTO, 2009).

Repensar a autoridade requer uma compreensão sobre sua existência ou inexistência. De acordo com Pereira (2008):

[...] aquilo que é dito sobre o declínio docente ressoa, por exemplo, no prenúncio nietzschiano de que ‘Deus está morto’. O pai onipresente, de Platão, ou o Zeus, pai de todas as coisas, ordenador grego do cosmo, que se tornou o Deus do destino na revelação judaico-cristã, parece ter perdido seu fôlego em tempos modernos. Há que se reconhecer que sua autoridade como símbolo de domínio, desgastou-se em nossos tempos. E em nossa sociedade contemporânea, o pai parece mesmo ter sido deposto do poder. (PEREIRA, 2008, p. 22).

Na esfera educacional, o dilema do mal-estar docente parece se alinhar ao discurso do declínio do pai e sua conseqüente desautorização. Neste viés, Pereira (2008) mais uma vez destaca:

3 *Ratio Studiorum* buscou instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus.

Denúncias sobre a falência das instituições sociais, **o aumento da violência** (grifo nosso) e da criminalidade urbanas, a perplexidade de projetos educacionais ante a diversidade cultural, entre tantos problemas contemporâneos, em regra, vêm associados a uma crise de autoridade, a um declínio dos valores tradicionais e a uma deposição da sociedade eminentemente patriarcal. Tais questões ganharam bastante centralidade em nossos tempos [...] (PEREIRA, 2008, p.160).

Tendo em vista a falência mencionada, o que se tinha acerca da autoridade tornou-se tão impreciso que o Estado⁴ passou a repartir com a Família a responsabilidade pela educação das crianças e dos jovens. Ocorre que, em um contexto em que os indivíduos não cultuam os deuses ou um Deus, onde a autoridade do Deus (Pai) foi deposta, legitimar a autoridade dos pais mortais da instituição familiar passou a ser um desafio dos tempos modernos e mais ainda do contexto atual, visto que:

O fato é que prática ou teoricamente não estamos mais em posição de saber o que é realmente autoridade. Ela desapareceu do mundo moderno e, junto dela, desapareceram também os outros dois suportes de sustentação da humanidade ocidental: a religião e a tradição. (PEREIRA, 2008, p.161).

O declínio da instância religiosa vincula-se ao declínio da autoridade, que por sua vez está implicada nas relações interpessoais da escola. De acordo com Pereira (2008, p. 164), “não há como negar que a esfera religiosa sofreu erosão.” Além disso, o impacto dessa crise inevitavelmente recai sobre a educação moderna a qual se estabelece em um contexto corrosivo e não mais regulado por preceitos deificados, haja vista que os valores e as mais diversas instituições modificam-se rapidamente. É considerável pensar, uma vez que a sociedade atual carece de uma autoridade eficiente, se nem o Estado, nem a instituição religiosa, nem a família detêm esta autoridade no sentido de direcionar a sociedade, de que forma evocá-la para a instituição educacional?

Diante do exposto, observa-se na contemporaneidade que a Educação (a sociedade em geral) se situa em solo menos firme. Como bem destaca Bauman (2007, p. 16), “O terreno sobre o qual se presume que nossas perspectivas de vida se assentem é reconhecidamente instável [...]”. Sob este solo encontram-se as escolas, locais onde muitos docentes se vêem às voltas com a

⁴ Sobre este fato, pode-se conferir em Pereira (2008, p.160): “Em nossa sociedade a imagem paterna tornou-se cada vez mais desnaturalizada e dividida. Nessa nova ordem o Estado consolidou tal divisão, já que repartiu com os pais da realidade a responsabilidade pela educação dos infantes.”

violência e consequentemente com o mal-estar.

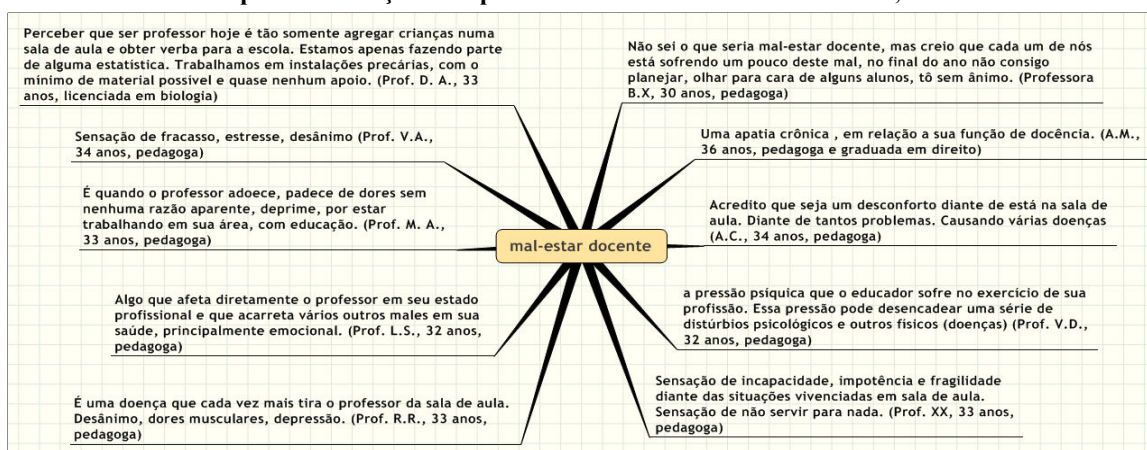
2 Professores em mal-estar: Violência na escola

O mal-estar docente não é um fenômeno recente, de acordo com Esteve (1999a), já em 1957, havia estudos sobre o assunto;

Desde muito tempo vem-se utilizando o tópico ‘mal-estar docente’ (BERGER, 1957; MANDRA, 1977; AMIEL, 1980, 1982, 1984; DUPONT 1983), empregando esta expressão como a mais inclusiva das utilizadas na bibliografia atual para descrever os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. (ESTEVE, 1999a, p.25).

Contudo, desde a publicação do livro **O mal-estar docente, a sala de aula e a saúde dos professores**, a expressão mal-estar docente tem sido utilizada para explicar como os professores têm reagido perante os desajustes que as transformações sociais provocam no exercício da função docente. Acerca desta definição, em campo empírico, quando foi apresentada a questão **Para você, o que é mal-estar docente?** Algumas das 18 respostas obtidas podem ser observadas no mapa cognitivo⁵ que segue:

Mapa 01: Definições dos professores sobre o mal-estar docente, 2010.



⁵ Os mapas cognitivos são estruturas epistemológicas; são constituídos de representações gráficas ou modelos mentais dos sujeitos, a partir das suas percepções extraídas de um contexto específico. Não são representações estáticas - são sempre atualizados de acordo com as experiências de aprendizagem dos sujeitos. Como ferramentas reflexivas, surgem de depoimentos dos participantes e buscam apresentar conceitos e idéias muitas vezes não conscientes para o próprio sujeito. (cf. BASTOS, 2002).

No mapa acima é possível perceber que as declarações concedidas pelas professoras revelaram uma concepção condizente com os escritos da literatura temática, como por exemplo a pesquisa de Santos (2006), intitulada **As estratégias de fuga e enfrentamento frente às adversidades do trabalho docente**. Além disso, outras respostas obtidas em campo empírico evidenciaram os efeitos de caráter negativo que afetam a personalidade do professor e comprometem sobremaneira a prática educativa, como por exemplo o sentimento de insatisfação, frequentemente associado ao fenômeno do mal-estar docente:

Insatisfação do professor ao lecionar. *(B, 30 anos, pedagoga)*

É quando falta estrutura emocional e física para o docente desempenhar sua função. *(Professora A, 57 anos, pedagoga)*

Penso que deve ser uma espécie de Bullying ou Burnout. *(Professora C, 35 anos, licenciada em dança)*

As dificuldades vivenciadas no processo educativo, que são internalizadas pelos docentes. *(Professora G, 37 anos, pedagoga)*

Sobre o mal-estar do professor, de acordo com Esteve (1999a), pode-se dizer que se trata de um fenômeno internacional cujos primeiros indicadores passaram a se tornar evidentes no início da década de 1980 nos países mais desenvolvidos, como por exemplo, a Suécia e a França. O mesmo discorre:

[...] a chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, evidente no nosso contexto social, e nas deficientes condições de trabalho do professor na sala de aula, que o obrigam a uma atuação medíocre, pela qual acaba sempre por ser considerado responsável. (ESTEVE, 1999b, p. 120).

No mesmo viés que o trabalho de Esteve (1999a), há pesquisas que têm contribuído para que o estudo concernente ao tema adquira visibilidade no espaço acadêmico, como por exemplo, o livro **O mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores** (AGUIAR; ALMEIDA, 2008), o artigo de Murta (2001) **Magistério e sofrimento psíquico: contribuição sobre uma leitura psicanalítica da escola**, a recente escrita de doutorado cujo título é **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**, da autora Aranda (2007), dentre outros. O foco desses estudos sinaliza o impacto do mal-estar docente sobre a qualidade da educação.

A violência e o mal-estar na escola frequentemente são considerados como um fato

isolado e minoritário, sem grandes consequências para o professor. Acerca desta concepção simplista e equivocada, Esteve (1999a), ressalta:

Do problema que se supõe o aumento da violência nas instituições de ensino, talvez o dado menos importante seja o de professores que sofrem diretamente uma agressão física. Deve-se contar com o efeito multiplicador desses acidentes, no plano psicológico, sobre os colegas ou amigos do professor agredido; e inclusive sobre outros professores, totalmente alheios à cena da ação, mas que recebem seu impacto através dos meios de comunicação social. [...] No plano real, o problema da violência é minoritário, isolado e esporádico. No plano psicológico, o efeito do problema – como vimos – multiplica-se por cinco, levando a um grande número de professores, que nunca foram agredidos e que provavelmente nunca o serão, a um sentimento de inquietude, de mal-estar mais ou menos difuso [...] (ESTEVE, 1999a, p.54)

Notícias sobre esta problemática, atualmente veiculam na mídia e se alinham ao pensamento do autor supracitado; tem-se, por exemplo, a matéria cujo título é **Agressão à diretora de escola: Sepe apresenta notícia-crime à polícia e ao MP**⁶, publicada no *site* globo.com, em 08/04/2010, bem como a reportagem intitulada **Professor é agredido por aluno dentro de escola em Itu (SP); estudante é suspenso**⁷, publicada no *site* Folha.com, em 18 de Junho do ano corrente.

A violência na escola ultrapassa os limites de aceitação e tolerância, de tal forma que, já se discute um **Projeto de Lei do Senado, Nº 191, De 2009**⁸, que estabelece procedimentos de socialização e de prestação jurisdicional e prevê medidas protetivas para os casos de violência contra o professor oriunda da relação de educação.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei configura violência contra o professor qualquer ação ou omissão decorrente da relação de educação que lhe cause morte, lesão corporal ou dano patrimonial, praticada direta ou indiretamente por aluno, seus pais ou responsável legal, ou terceiros face ao exercício de sua profissão. **(Projeto de Lei do Senado, Nº 191, 2009, p. 1)**

Segundo Esteve (1999a), se num momento anterior, se definia o mal-estar do professor “como o efeito permanente produzido pelas condições psicológicas e sociais em que se exerce a

⁶ Reportagem disponível no site < <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/04/08/agressao-diretora-de-escola-sepe-apresenta-noticia-crime-policia-ao-mp-916286321.asp> > Acesso em: 6 jul.2010.

⁷ Reportagem disponível no site < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/753286-professor-e-agredido-por-aluno-dentro-de-escola-em-itu-sp-estudante-e-suspenso.shtml> > Acesso em: 5 jul.2010.

⁸ Texto disponível em: < <http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/pdf/sf/2009/05/12052009/16666.pdf> > Acesso em: 7 mai. 2010.

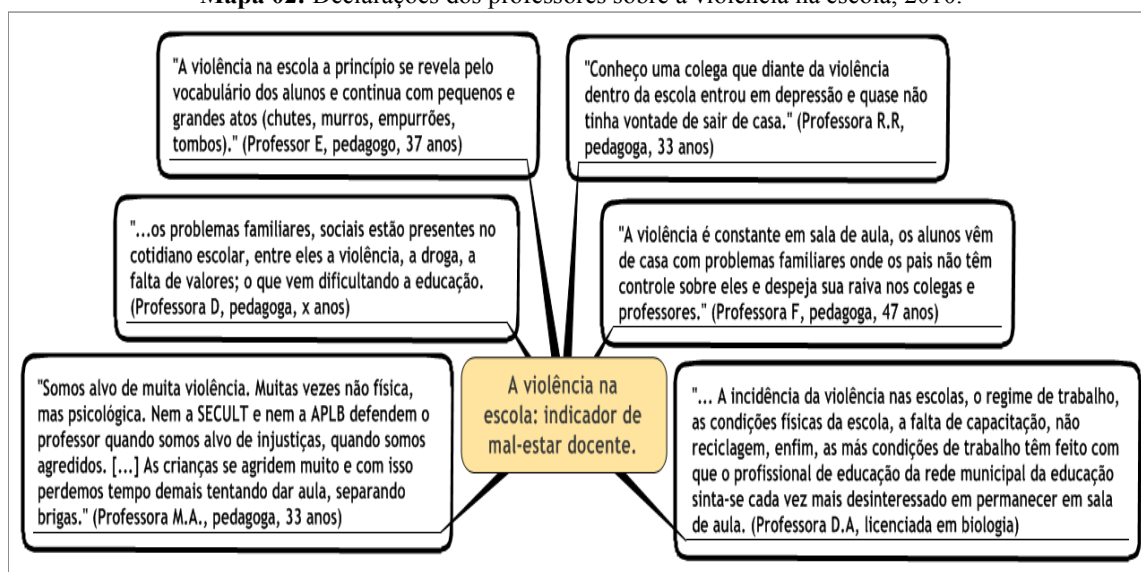
docência, o tema da violência nas instituições de ensino constitui um claro exemplo do mecanismo com que se forma e atua.” A mesma pode ser melhor entendida a partir do diálogo sobre o declínio da autoridade nas Instituições Sociais e a instabilidade geral que se apresenta na atualidade. “A ausência de lei e de limites, na educação dos jovens, os tem deixado a mercê de suas pulsões e isso se apresenta, na escola, sob diferentes modos de expressão, como a desautorização docente e a violência que permeia as relações”. (cf. AGUIAR, ALMEIDA, 2008, p.66).

Em um contexto social carente de uma autoridade eficiente, o tema violência na escola tem sua relevância, na medida em que repercute negativamente no plano psicológico e conseqüentemente na prática educativa dos professores. As práticas de violência recorrentes em instituições de ensino e que têm desafiado os docentes evidenciam-se no depoimento abaixo:

“Desde que eu comecei a trabalhar na escola que eu convivo com realidades de muita violência, são meninos envolvidos com violência, com gangues, já invadiram a sala para pegar o aluno que era de gangue, pularam a janela...” (AGUIAR, ALMEIDA, 2008, p.63)

Neste itinerário, professoras de Escolas Municipais da Cidade de Salvador, durante a coleta de dados deste estudo, diante das perguntas apresentadas no questionário aberto, compartilharam suas percepções sobre a violência na escola; algumas delas estão descritas no mapa que segue:

Mapa 02: Declarações dos professores sobre a violência na escola, 2010.



As declarações apresentadas no mapa acima evidenciam as implicações da violência na vida ocupacional do docente e como ela está associada às demandas sociais, à desestruturação familiar, enfim à ausência geral em todos os aspectos (ausência de apoio, de comprometimento e de Lei – Deus, Pai, pais, etc.). Neste itinerário, ao abordar o tema violência na escola, deve-se observar que não é uma questão simples; trata-se de uma temática ampla, que exige uma leitura diversificada em virtude de sua causalidade múltipla. De acordo a Ferrari (2005):

A violência identificada na escola está situada em um contexto mais amplo que o circunscrito aos muros da escola em que se desenvolve o projeto pedagógico institucional. Isso porque a violência, enquanto sintoma próprio do mundo contemporâneo, regido pelos apelos do capital (Lacan, 1993), e geradora de mal-estar, denuncia falta de regulações naquilo que respeita ao vínculo educativo e à autoridade epistêmica. (FERRARI, 2005, p.263)

Conforme esta autora, a violência, fenômeno presente em todos os tempos, é considerada um sintoma atual e surge como uma forma de dizer que a vida em comunidade está em perigo. (cf. FERRARI, 2007, p.277); na conjuntura atual, amiúde excludente, este perigo é um dado real e cada vez mais corriqueiro nas instituições sociais.

Neste estudo, a compreensão de violência refere-se ao comportamento que envolve qualquer forma de agressão – seja física, psicológica, sexual ou moral - de um ser humano ou grupo contra seus semelhantes. Conforme Schilling (2009):

Os dicionários nos dizem que “violento” é aquilo que é contrário ao direito e à justiça. Violência significa então: 1. tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. Todo o ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); todo o ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito. (SCHILLING 2009, p.7):

A autora supracitada diferencia a violência contra a escola, a violência da escola e a violência na escola; sem a pretensão de descrever tais diferenças, é relevante sinalizar que, de acordo a Schilling (2009, p.14), “a violência na escola reflete de formas próprias a violência contra a escola, a violência da escola, além da violência familiar, urbana e estrutural.” Ademais, as práticas de violência nas escolas têm relação direta com o fracasso escolar, geram insegurança e comparecem sob diversas formas no ambiente educacional, conforme descrito a seguir:

- violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo.
- incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT apud ABROMOVAY, 2002, p.69)

A violência na escola, bem como noutros contextos, cresce de forma exponencial, manifesta-se sob todas as formas, conforme dito, causando um mal-estar ao professor e minimizando a qualidade no trabalho pedagógico. Trata-se de um fenômeno concreto que demanda análises mais aprofundadas, haja vista que a crescente desigualdade social, o desemprego, a ausência de oportunidades para os jovens e a carência de uma autoridade eficiente nas diversas Instituições sociais, favorecem indubitavelmente para o seu o aumento. Por tanto, a mesma deve ser compreendida no âmbito cultural e psicossocial dos seres humanos.

4 Aspectos metodológicos e discussão dos resultados

Este trabalho, predominantemente qualitativo, envolveu uma amostra intencional⁹ de 18 professores que lecionam em escolas públicas municipais localizadas na cidade de Salvador, com idade entre 30 e 59 anos, sendo que 14 são licenciados em pedagogia, 1 possui licenciatura em dança, 1 em biologia e 2 optaram pelo sigilo. O tempo de atuação profissional dos professores desta pesquisa varia entre 3 e 19 anos de docência. Apenas 2 professores possuem uma carga horária de 20h, 1 trabalha 60h, 1 não informou e os demais lecionam 40h; a maioria é do gênero feminino, sendo apenas um do gênero oposto.

Para coleta dos dados, recorreu-se a um conjunto de 12 perguntas abertas concernentes ao tema, abordando situações do tipo: tempo de trabalho como docente; sentimentos de satisfação e insatisfação no exercício do magistério, desejo de desistir da profissão, etc. Algumas das

9 Cada docente da amostra deveria estar ou ter estado: em readaptação ou desvio de função, licença médica, respondendo processo ou com queixas de diversas ordens. Partiu-se do pressuposto de que, seguindo os critérios apresentados, a partir de uma seleção intencionada, o discurso sobre o mal-estar docente pode ser melhor respaldado.

perguntas realizadas foram: **O que mais lhe proporciona satisfação em ser docente? Quais os principais problemas que você enfrenta durante o seu trabalho? para você, o que é o mal-estar docente? Você acredita já ter vivenciado, em algum momento da sua trajetória profissional, o mal-estar docente?** Após terem sido esclarecidas a relevância do estudo e as questões éticas envolvidas, os professores foram convidados a responder as perguntas.

Em toda a escrita deste texto, buscou-se preservar o sigilo dos professores participantes, por isso as letras foram utilizadas para citá-los. Com vistas a validação deste estudo, a ferramenta denominada “mapas cognitivos” foi utilizada apenas no sentido de apresentar parte dos dados obtidos.

Do total dos participantes, 9 estiveram apenas em licença médica; 3 estiveram em licença médica e desvio de função; apenas 1 esteve somente em desvio de função; 5 nunca estiveram em licença médica, nem em desvio de função/readaptação, porém, assim como os demais, apresentaram queixas de diversas ordens. Em síntese as queixas referem-se à infra-estrutura física escolar inadequada, ausência de materiais pedagógicos, ausência de apoio dos diversos setores sociais (família, Secretaria de Educação, etc.), a violência na escola; a carga horária, ausência de reconhecimento e valorização do trabalho docente, ao salário, entre outras, como se pode observar nas declarações abaixo, advindas da pergunta: quais são os principais problemas que você enfrenta na sala de aula?

Turmas numerosas, indisciplina, dificuldade de aprendizagem por muitos alunos
(*Professora B, pedagoga, 30 anos*)

Falta de material, violência, indisciplina, desrespeito, salas superlotadas.
(*Professora R.R., pedagoga, 33 anos*)

Indisciplina e falta de acompanhamento dos pais. (*Professora H, 59 anos, pedagoga*)

Falta de recursos financeiros para gestão da escola; falta de uma autonomia gestora nas unidades educativas; ausência de uma política séria de formação de professores; negação das famílias em relação aos cuidados dos seus filhos; a pobreza das crianças que frequentam a escola pública; a descrença das pessoas no potencial dessas crianças. (*Professora V.D, 32 anos, pedagoga*)

A partir das respostas dos professores percebe-se que o mal-estar docente possui uma causalidade múltipla e se insere num contexto amplo; desta forma, deve-se compreender que a presença deste fenômeno no ambiente escolar está atrelado aos problemas da atualidade, como

porvexemplo a crescente desigualdade social, a violência e a ineficiência de uma autoridade, conforme já foi abordado.

Entre os participantes da pesquisa, 12 já ouviram a expressão mal-estar docente e 6 discorreram que nunca escutaram. Todos expressaram a sua compreensão sobre o mal-estar docente e, como pode se observar nos mapas que foram apresentados e nos relatos descritos neste texto, as respostas se alinharam com os escritos sobre o tema.

O estudo realizado permitiu compreender que o mal-estar do professor e a violência na escola afetam sobremaneira a produtividade e o comprometimento na prática educativa, haja vista que esta fica permeada pelo sentimento de insatisfação, bem como pela baixa auto-estima, pela perda de confiança em si mesmo e pelos sentimentos de apatia, desânimo e tristeza. Além disso, como se pode observar na declaração seguinte, os professores acometidos pelo problema descrito, tendem a comparecer ao trabalho devido ao investimento profissional realizado:

Como você percebe, hoje, sua função docente, diante dos alunos, da escola e da sociedade como um todo?

Os professores vão à escola porque precisam do **emprego**, os alunos vão à escola porque os pais precisam do Bolsa “alguma coisa” e o estado mantém a escola porque é politicamente correto. Com algumas exceções é claro! (Prof. D. A., 33 anos, licenciada em biologia)

Quais eram as suas expectativas em relação à docência?

No início, me ajudava a pagar a faculdade... Depois passou a ser angustiante (porque lecionava num local muito desfavorecido – sob todos os aspectos -). Tive pouco tempo pra pensar nisso, não tinha muitas expectativas, a minha rotina diária era muito estressante...**era apenas um trabalho**. (Prof. D. A., 33 anos, licenciada em biologia)

Em quase toda a sua totalidade, os colaboradores deste estudo compartilharam que cada vez mais os docentes têm vivenciado um mal-estar, confirmando que o trabalho docente pode causar sofrimento:

Muitas colegas reclamam que querem sair da profissão. A docência hoje não é mais um prazer. A profissão gera um desgaste físico e emocional que o salário não paga. Tenho tido crises de baixa-estima frequentemente. Sinto que meu trabalho não tem resultado” (Prof. L.S., 32 anos, pedagoga)

Neste percurso, Murta (2001) informa que:

[...] Na escola, as professoras se queixam das condições de trabalho, dos alunos, do salário. Mas nos consultórios, para os médicos que lhes concedem licenças para tratamento de saúde, as queixas e sintomas apresentados mais freqüentemente são outros: [...] "dores na nuca, na cabeça [...], irritabilidade, choro fácil, depressão, ansiedade, insônia". (DINIZ 1998, p. 203 apud MURTA 2001, p.1).

A autora supracitada confirma o vivido e o sentido pelos professores participantes deste estudo, os quais fazem parte de um percentual que declararam sofrer de forma regular de algum mal-estar. Pesquisa NOVA ESCOLA e Ibope realizada em 2007 com 500 professores de redes públicas das capitais revelou que mais da metade dos entrevistados sofre de alguma doença e entre as queixas mais frequentes estão as dores musculares, citadas por 40% dos professores. (POLATO, 2008, p. 39). Ademais, os dados obtidos através das perguntas abertas, denotam que alguns dos indicadores de mal-estar, apontados na literatura, a exemplo da violência na escola, foram corroborados nos relatos dos professores.

5 Conclusões preliminares

O presente estudo, além de compartilhar uma breve reflexão, apresentou algumas premissas acerca do mal-estar docente, a violência na escola e suas implicações no trabalho pedagógico. Neste intento, é mister corroborar que “O mal-estar é um traço do ofício de professor no tempo presente, pelas configurações sociais, culturais, econômicas que a sociedade possui no momento atual”. (ARANDA, 2007).

Deve-se observar que o mal-estar docente, embora tenha dimensões individuais, está atrelado à conjuntura sócio-histórica; não se constituindo, portanto, num fenômeno isolado, situado apenas no sujeito professor ou em outro profissional. Trata-se de algo relacional, que ocorre nas relações sociais e interpessoais, nos contextos; no caso do docente, ocorre no ambiente escolar e repercute no seu fazer pedagógico, na sua subjetividade, enfim, no seu trabalho.

Perante tudo o exposto, é oportuno sublinhar que as práticas de violência na escola e o mal-estar vivenciado pelos professores podem trazer graves conseqüências tanto para a vida pessoal e profissional do docente, quanto para a vida escolar e pessoal do estudante. Ambos tendem perder o entusiasmo pelo ensino, o foco no processo de ensino e aprendizagem, fato que atrapalha o desenvolvimento cognitivo e o sucesso escolar.

A discussão sobre o mal-estar docente e a violência na escola nos convida a reconhecer a urgência do sistema educacional se voltar, um pouco mais, para o ser humano professor, para as suas condições de trabalho e não apenas para o elevado ou o baixo resultado do seu trabalho pedagógico. Os dados aqui socializados podem ser relevantes para um melhor entendimento de como os professores lidam com o fenômeno do mal-estar docente, com a violência na escola e como avaliam seus impactos no desempenho do seu trabalho. Este entendimento poderá proporcionar uma compreensão maior sobre a ausência de comprometimento com o magistério em Escolas Municipais da cidade de Salvador, bem como na Rede Pública de Ensino deste país.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Mal-estar na educação**: o sofrimento psíquico de professores. Curitiba: Juruá, 2008.

ARANDA, Silvana Maria. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. 147f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17311/000687320.pdf?sequence=1>>. Acesso em 05 nov. 2009.

BASTOS, A. V. B. **Mapas cognitivos**: ferramentas de pesquisa e intervenção em processos organizacionais. Salvador: NPGA/UFBA, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BOTO, Carlota. A forma escolar de civilização: golpes e movimentos. **Revista educação**: violência e indisciplina. São Paulo. n. 1, p. 36-45. Ed. Segmento. 2009.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999a.

ESTEVE, José. Manuel. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999b, p. 93-124.

FERRARI, Ilka Franco. ARAÚJO, Renato Sarriddine. O mal-estar do professor frente à violência do aluno. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza. Vol. V. n. 2, p. 261 - 280 .

Set. 2005. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/27150204.pdf>> Acesso em 20 jul. 2010.

FERRARI, Ilka Franco. Realidade social: a violência, a segregação e a falta de vergonha. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza .Vol. VI. n 2. p. 269-284. Set. 2007. Disponível em: http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/1841.pdf > Acesso em 15 jul. 2010.

MURTA, Cláudia. **Magistério e sofrimento psíquico**: contribuição para uma leitura psicanalítica da escola.2001. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300031&script=sci_arttext>. Acesso em 14 set. 2008.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes. **O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas**. Ciências & Cognição; Ano 03. vol. 07. 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/artigos/v07/m31677.htm>>. Acesso em 15 set. 2008.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

POLATO, Amanda. Remédios para o professor e a Educação. **Nova Escola**: como anda a sua saúde? São Paulo, Ano XXIII, n. 211, p. 39. abril. 2008.

SANTOS, Gideon Borges dos. **As estratégias de fuga e enfrentamento frente às adversidades do trabalho docente**. 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/v6n1a12.htm>>. Acesso em 13 set. 2008.

SCHILLING, Flávia. Indisciplina, violência: debates e desafios. **Revista educação**: violência e indisciplina. São Paulo. n. 1, p. 6-17. Ed. Segmento. 2009.